

Práticas discursivas político-ideológicas no Facebook: um estudo de emergência genérica

Vicente de Lima-Neto
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Kennedy Cabral Nobre
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira

Title: *Political-ideological discursive practices on Facebook: a review of genre emergence.*

Abstract: *With over a billion registered users on Facebook, it is common that various discursive practices are built therein, and this space is a nest for new genres. This article aims at investigating how certain texts, which are materialized onto Facebook and circulate within the political-ideological discourse, are moving towards to one more case of genre emergence on social networking sites. In order to achieve this goal, based on the concept of genre from Miller (2009 [1984]), we analyzed a corpus consisting of 25 Facebook posts based on political discourse criteria (CHARAUDEAU, 2006). As preliminary results, we point out that political-ideological texts conveyed by Facebook present some elements that lead to a genre emergence case, such as not naming the genre, the recurrence of formal and contents standards and the ending.*

Keywords: *Political-ideological texts; Facebook; genre emergence.*

Resumo: *Com mais de um bilhão de pessoas cadastradas no Facebook, é natural que variadas práticas discursivas ali sejam construídas, e o espaço seja um berço para novos gêneros. Este artigo tem como objetivo investigar como determinados textos que se materializam no Facebook e circulam no discurso político-ideológico estão caminhando para mais um caso de emergência genérica em sites de redes sociais. Para atingir este objetivo, apoiados no conceito de gênero de Miller (2009 [1984]), analisamos um corpus de 25 postagens no Facebook à luz dos critérios que marcam o discurso político (CHARAUDEAU, 2006). Como resultados preliminares, apontamos que os textos de cunho político-ideológicos do Facebook apresentam alguns elementos que levam a um caso de emergência genérica, como a não nomeação do gênero, a recorrência de padrões formais e contedudísticos e o acabamento.*

Palavras-chave: *Textos político-ideológicos; Facebook; emergência de gêneros.*

Considerações iniciais

Em 2012, o Facebook atingiu nada menos que um bilhão de contas ativas. Isso significa dizer que um sétimo da população do mundo tem uma conta do Facebook. Não é pouco. Esses sites de redes sociais, há muito tempo, deixaram de ser espaços de lazer para se tornarem extensões das vidas das pessoas. Neles, os internautas brincam, batem papo, noticiam, vendem produtos, relatam o seu dia a dia, em suma, produzem textos para atingir os mais variados propósitos comunicativos. Por ser um espaço novo de interação, sem grandes restrições de cunho institucional, muitas formas singulares – e novas – de enunciação acabam surgindo, mantendo entre si características comuns, mínimas e essenciais, as quais são responsáveis por agrupá-las numa classe. Nem sempre esses textos apresentam uma denominação convencional, tampouco são consensuais os propósitos que eles cumprem, mas os usuários não só os produzem, como os reproduzem (por meio de ferramentas de compartilhamento) e reconhecem o ‘protótipo’ textual a ser imitado quando da produção de novos textos. Cumpre acrescentar que esses textos são muitos, fazem parte dos mais variados campos discursivos, como jornalísticos, humorísticos, publicitários, jurídicos etc.

Este artigo tem como objetivo investigar como um desses textos que se materializam no Facebook, mais especificamente os que circulam no discurso político-ideológico, tendem a ser gêneros em emergência. Eles pertencem a um espaço que não podemos dizer que estão no mesmo patamar que gêneros mais estandardizados, como o *chat* ou o fórum de discussão, mas num momento de suas vidas que os designamos de gêneros em emergência.

2 Gêneros discursivos

Embora o assunto que discutimos aqui, os gêneros discursivos no ambiente digital, não seja novo, ainda há muitas questões não respondidas sobre o que efetivamente são esses

gêneros. Serão novos gêneros ou apenas reelaborações de gêneros pré-existentes? Se o assunto é novo, já que a internet se popularizou em 1995, como contemplar esses novos objetos se os estudos de gêneros na Linguística e na Literatura foram pensados muito antes da internet, desde a década de 1950, com Bakhtin (2011 [1953]), ou com Miller (2009 [1984]) e Swales (1990)?

Por ser algo extremamente recente, é impossível não nos ampararmos em bases bem sólidas para o estudo de gêneros em ambiente digital e tentar, sob aquelas luzes, refletir sobre esse objeto de pesquisa. Em suma, este trabalho trata de gêneros discursivos, os quais, em geral, são reconhecidos por textos.

A definição de gênero que adotamos neste artigo tem como base as convenções que uma determinada sociedade estabelece para agir em distintas situações recorrentes. Se, com Miller (2009) e Bakhtin (2009; 2011), entendemos que os gêneros são artefatos situados sócio-historicamente, será impossível estabelecer uma taxonomia, já que os gêneros mudam, evoluem e deixam de ser usados a partir das necessidades enunciativas de seus usuários.

Assumir este posicionamento também implica ingressar numa perspectiva mais hermenêutica para a caracterização genérica. Diferentemente de Bakhtin (2011), para quem os gêneros são constituídos de um tripé no qual consta conteúdo, estrutura e estilo; ou de Swales (1990), que, embora se insira numa perspectiva sociorretórica de gêneros, apoia-se em critérios mais formulaicos – os quais chama de movimentos retóricos – para garantir o status genérico, esta perspectiva defende os gêneros como fenômenos de reconhecimento sociais e cognitivos e não necessariamente se apoia em critérios bem delimitados para a definição genérica. A característica básica – portanto criteriosa – da existência de um gênero é investigar quais são as recorrentes exigências retóricas que surgem de um determinado enunciado.

Os estudos de gênero atualmente não têm por objetivo garantir o estatuto genérico de um determinado enunciado colocando à prova certos critérios. Por mais que um estudioso

ateste a genericidade de um enunciado, de nada valerá se a sociedade não o reconhecer como tal.

Mesmo a abordagem sociorretórica não nos apontando critérios muito tangíveis que definam um gênero, buscamos fazê-lo apoiados em pesquisadores cujas linhas teóricas são afins e nos sugerem caminhos possíveis para a análise de gêneros. Como dizem Bawarshi e Reiff (2010, p. 77):

A síntese brasileira [de estudos de Gêneros] sugere que as tradições retóricas e sociológicas não precisam ser incompatíveis com as tradições linguísticas e que, quando interconectadas, essas tradições podem fornecer um rico *insight* sobre como os gêneros funcionam e como podem ser ensinados em variados níveis.

Dessa forma, propomos um estudo não só pautado na análise de gênero numa perspectiva sociorretórica, embora seja esta a condução epistemológica, mas também amparado em autores que estudam a relação entre linguagem e tecnologia, algo que tem pouco mais de quinze anos de tradição nos estudos linguísticos e, portanto, abordam características que são pertinentes para esse artigo, pois estudam aspectos que não foram abordados em teorias desenvolvidas antes da internet.

3 Emergência de gêneros na web

No Brasil, Marcuschi (2004) está entre os primeiros linguistas a se preocupar com o estudo dos gêneros ditos por ele como **emergentes**. A volatilidade, maleabilidade e natureza efêmera dos gêneros emergentes parecem ter chamado atenção para outros fatores até então pouco estudados. Em virtude do avanço da *web*, novas formas de se comunicar foram surgindo, o que sugere que se demandem outros conhecimentos e outras estratégias cognitivas, a partir do momento em que, no ambiente digital, semioses distintas, discursos variados, padrões genéricos distintos coocorriam harmoniosamente. A partir daí, essas mesclas, das mais variadas naturezas, passaram a ser muito comuns, e essa característica também atingiu os gêneros

na mídia eletrônica. Eles passaram a ser muito mais propensos à hibridização do que gêneros da mídia impressa, obviamente uma característica do meio digital, volátil por natureza.

Ao que parece, os internautas têm modelos mentais de gêneros na mídia impressa e os estão adaptando para acompanhar o desenfreado avanço da mídia eletrônica, característica que leva a uma grande variabilidade das práticas discursivas naquele ambiente. Um gênero é um gênero independentemente do meio onde se encontre. O que estamos defendendo é que o gênero, como um artefato abstrato, pode ter sua relativa estabilidade, principalmente na mídia digital, talvez num plano social e cognitivo dos usuários, e nem sempre num viés textual/material, já que este é o meio pelo qual, em geral, um gênero é palpável. A sua materialidade é o produto – que chega, muitas vezes, como traços de textos e de gêneros distintos, ou mesmo de outras mídias – enquanto todas as tipificações para construí-lo são um processo, no qual podem estar enraizados os elementos recorrentes que o tornam um gênero.

Se podemos agora tomar como dado que gêneros mudam ao longo do tempo e que tal mudança é possibilitada pela variação inerente a qualquer construção tipificada socialmente e provocada por complexos diferentes da mudança social, psicológica, econômica e tecnológica, então pode ser que estejamos na hora de olhar em outra direção e olhar com cuidado a natureza e as fontes da estabilidade e da recorrência. (MILLER; SHEPARD, 2009b, p. 95).

O meio onde tais práticas de linguagem estão se atualizando parece influenciar diretamente as condições do gênero, portanto algumas noções que dizem respeito a elas, como a de estabilidade e recorrência, provavelmente devem ser ressignificadas ou, pelo menos, vistas sob outra ótica. Esta talvez seja uma saída para nos ajudar a compreender a emergência de um gênero no Facebook.

Os americanos estão entre os primeiros pesquisadores que se debruçaram sobre o fenômeno da relação entre internet e gêneros. Nos últimos cinco anos do século XX e nos primeiros do século XXI houve uma grande proliferação de pesquisas sobre o assunto. À ocasião, os trabalhos giravam em torno de dois eixos, sempre ligados a gêneros em contextos profissionais: de um lado, questiona-se como os documentos da web podem ser reconhecidos e classificados em gêneros; quais características modelam esses gêneros de documentos digitais; e como os documentos podem se organizar em grandes sites, vista a popularização da internet e a infinidade de informações acumuladas ao mesmo tempo na tela¹ (YATES; ORLIKOWSKI, 1992; CROWSTON; WILLIAMS, 1997) e, de outro, como compreender a interação existente na internet por meio de comunidades virtuais (ERICKSON, 1997). Algumas dessas preocupações perduram até hoje nos estudos norte-americanos (LÜDERS; PROITZ; RASMUSSEN, 2010) e europeus (SANTINI, 2007) sendo uma grande corrente de pesquisa que não tem ganhado força no Brasil. Por se trabalhar com gêneros mais institucionalizados, as categorias pensadas para esses gêneros e os experimentos pautavam-se na forma e no conteúdo, basicamente.

Já em nosso país, a discussão sobre gêneros na internet chegou pelas mãos de Marcuschi (2002b)², pelo menos meia década depois de iniciada nos Estados Unidos. Ela veio acompanhada das discussões sobre hipertexto, que acabavam por desembarcar também no Brasil (MARCUSCHI, 2000b; XAVIER, 2002), quando há muito também já era discutida na América do Norte e na Europa. Desde então, tivemos a primeira dissertação do país que discutia o conceito de gênero hipertextual com o *chat* (ARAÚJO, J. C., 2003).

¹ Tamanha era a preocupação que se tinha com gêneros digitais na web que a Hawaii International Conference on System Science, realizada anualmente no Havaí, reserva, desde 1997, um grupo de trabalho para tratar exclusivamente disso. <http://www.informatik.uni-trier.de/~ley/db/conf/hicss/>.

² O autor posteriormente melhorou o texto e publicou em Marcuschi (2004), mas as suas ideias são ainda de dois anos antes.

Vê-se que os trabalhos sobre esta área não têm mais de quinze anos aqui no Brasil. Os estudos que estão sendo publicados sobre as práticas discursivas na internet são praticamente pioneiros. Miller e Shepherd (2009a)³ voltam os olhos para a popularização dos blogs na primeira metade da década de 2000. As questões giram em torno de entender como os gêneros surgem e se desenvolvem nesse novo meio, que é a internet. O objetivo é explorar a cultura emergente do início dos anos 2000, investigando as recorrentes exigências retóricas dos blogueiros e os papéis retóricos que os apoiam e tornam possíveis a realização do blog.

Para isso, as autoras lançam mão da etnometodologia dos gêneros, que se apoiam principalmente na percepção dos próprios blogueiros. Dentre as características analisadas, estão o conteúdo semântico genérico, seus traços sintáticos/formais e seu valor pragmático como ação social. No que diz respeito ao primeiro critério, os assuntos tratados no blog tendem a combinar o real e o pessoal, de maneira que sejam abordados principalmente pensamentos pessoais e autoexpressão. Quanto à forma do blog, os blogueiros tendem a se utilizar de formatações padronizadas sugeridas pelo próprio site que hospedará o blog. Tende a aparecer

entradas datadas, começando pela mais recente, e a maioria inclui links externos. Os blogs são compostos por ‘postagens’ (posts), que incluem uma data, um registro do horário e um *permalink*, e frequentemente incluem também um link para comentários e para o nome do autor, especialmente se múltiplos autores contribuem para o blog. A cronologia inversa e o registro do horário das postagens geram uma ‘expectativa por atualizações’ (MILLER; SHEPHERD, 2009a, p. 76).

³ Embora estejamos usando a versão traduzida de 2009, este texto foi publicado originalmente em 2004: MILLER, C.; SHEPARD, D. Blogging as social action: a genre analysis of the weblog. In: GURAK, S. et al. **Into the blogosphere: rhetoric, community and culture of weblogs**. University of Minnesota Libraries, 2004.

É bom ficar claro que estas características não são exclusivas de todo e qualquer blog. Muitos deles ganham notoriedade na comunidade dos blogueiros e buscam mudar a interface de seu blog para adquirir uma identidade. Aos poucos, os outros acabam copiando os blogs mais vistos, e isso causa certa variação na formatação, já que há várias formas de sucesso.

Por fim, a ação pragmática realizada nos blogs é principalmente manifestada pela autoexpressão: ele enuncia suas opiniões, defende posicionamentos, contam suas histórias etc., com a também finalidade de ser visto pelos outros. A prática de blogar é vista como um modo de desenvolver relacionamentos com uma rede social online por meio de links. Portanto, a exigência genérica do blog gira em torno de uma necessidade de o blogueiro desenvolver e validar o seu *self* (imagem de si no discurso):

O sujeito do blog engaja-se em uma autoexposição e [...] o blog opera para reunir, em uma forma retórica reconhecível, as quatro funções da autoexposição: o autoesclarecimento, a validação social, o desenvolvimento de um relacionamento e o controle social. (MILLER; SHEPHERD, 2009a, p. 90).

Em suma, o artigo argumenta em favor do estatuto genérico do blog baseado principalmente no critério de que a ação retórica de blogar surge como resposta a contextos sociais recorrentes numa determinada cultura. Com base na perspectiva dos usuários do blog, chegou-se à conclusão de que eles mesmos percebiam a necessidade de autoexposição, que precisa ser vista pelos outros. Esta ação retórica poderia ser vista de duas maneiras: exercer a autoexpressão para construir uma comunidade e construir uma comunidade para cultivar o *self*. Portanto,

vemos o blog, então, como um gênero que atende à atemporal exigência em formas que são específicas do nosso tempo. No blog, as potencialidades da tecnologia,

um conjunto de padrões culturais, convenções retóricas disponíveis em gêneros antecedentes e a história do sujeito combinaram-se para produzir um motivo retórico recorrente que encontrou um modo de expressão convencional. (MILLER; SHEPHERD, 2009a, p. 92).

À época da escrita do artigo, os blogs resguardavam muitas características de gêneros anteriores a ele, chamado pelas pesquisadoras de “gêneros ancestrais do blog”, principalmente dos diários online. Esta característica ajuda a compreender os novos elementos retóricos do gênero em estudo: os interlocutores envolvidos (quem escreve/para quem), a natureza da exigência recorrente (para quê?), a resposta esperada etc. As regularidades que vão se manifestando no uso do evento comunicativo ajuda a determinar o estatuto genérico. Em suma, a argumentação é que um caminho produtivo para o estudo de gêneros novos é verificar sua árvore genealógica, para compreender quais elementos são antigos, quais são novos efetivamente e como eles estabelecem regularidades sociais e ideológicas que permitem a sua identificação por usuários de uma determinada comunidade.

Em ensaio posterior, as autoras constatarem que as mudanças de gêneros estavam correndo mais rápido do que efetivamente poderiam compreender e descrever na internet. Em Miller e Shepherd (2009b), elas chegam à conclusão de que os blogs começaram a mudar e se adaptar. Deixaram de ser apenas um diário online e passou a ser muitas outras coisas. “Sobrenomes” começaram a ser atribuídos a eles, como blogs esportivos, blogs de viagem, blogs de campanha política, blogs educativos etc. “Os blogs se tornaram não um fenômeno discursivo único, mas múltiplo” (MILLER; SHEPHERD, 2009b, p. 93).

A reorientação da perspectiva de defender o blog como gênero se deu pela compreensão de que, na internet, o tempo corre diferentemente, então o contínuo fluxo ao qual todos os gêneros estão submetidos merece ser mais detalhadamente analisado quando a materialização deles ocorre em mídias novas. Uma das questões do artigo é compreender como um

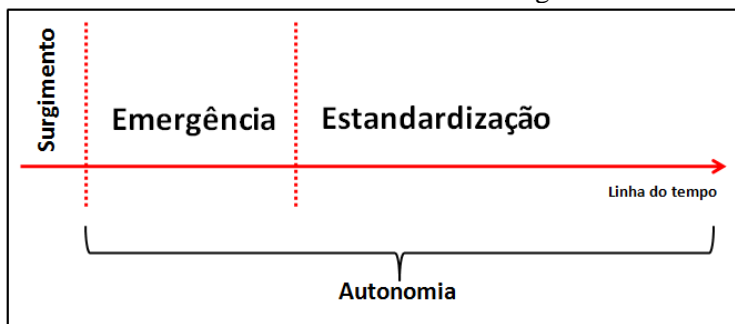
gênero, que é marcado pela recorrência de categorias, resiste à mudança num ambiente extremamente volátil como a internet. “Os gêneros originam-se não somente de mudanças em situação, contexto e cultura, mas também de outros gêneros, num processo evolucionário, e ocasionalmente do esforço consciente de indivíduos para preencher uma necessidade não satisfeita previamente” (MILLER; SHEPHERD, 2009b, p. 95), ou seja, os gêneros aparecerão à medida em que determinadas necessidades enunciativas ainda não estiverem plenamente satisfeitas. Enquanto houver demandas enunciativas, possivelmente gêneros antigos evoluirão e passaram a ser tratados como novos, em virtude de novas categorias passarem a ser recorrentes.

Essa perspectiva lança luzes para a nossa defesa de que todo e qualquer gênero passou por um momento de emergência antes de ser estandardizado. No meio eletrônico, o tempo em que ele passou nesses estágios parece ser muito diferenciado: no Facebook, por exemplo, o que é recorrente muitas vezes é efêmero, de maneira que sequer se dá tempo de nomear determinada prática discursiva. As forças centrípetas da língua talvez mereçam uma nova abordagem para compreender o que acontece na internet, num ambiente onde as forças centrífugas parecem agir com muita violência.

Ocasionalmente, gêneros se inclinam em direção a outros gêneros para obter certos significados, como a ambiguidade, a ironia etc. Quando se trata de inovação, as misturas de gêneros podem ser um importante recurso, pois tratam-se de quebras de expectativas e de convenções. Os gêneros emergem, portanto, da relação entre convenções e expectativas, as quais serão definidas dentro de um determinado contexto social particular ou dentro de uma comunidade discursiva de usuários.

Num gráfico, entendemos a o fenômeno da emergência da seguinte forma:

Gráfico 1: Percurso histórico dos gêneros



Parece haver pelo menos três momentos na história de um gênero: o *surgimento*, que é único: uma prática textual-discursiva singular surge de uma demanda enunciativa de um grupo; de uma negociação da linguagem que precisa atender a determinados propósitos discursivos, por meio dos quais será possível que os indivíduos desse grupo realizem práticas sociais. Tal prática é criada por uma instância enunciativa. A princípio, são práticas discursivas não necessariamente autônomas; podem aparecer presas a outras ou reelaboradas, contendo características comuns a gêneros estandardizados.

O segundo momento é a *emergência*, que ocorrerá quando houver certa recorrência de estruturas, e os usuários as reconhecem e passam a adotá-las. Logo, uma identidade estará se formando aqui, talvez, a longo prazo (ou a curto, em se tratando de velocidade da internet), mas tal prática já se figura como autônoma, o que parece tratar-se de um indício de emergência de um gênero. Defendemos que algumas características são prototípicas deste estágio: a) a não convenção acerca da nomeação do gênero; b) a não convenção acerca dos propósitos comunicativos; c) a recorrência de padrões contedústicos; d) o acabamento e e) a intertextualidade, em nível estrutural, com outros textos que se filiam a um determinado gênero em emergência. Buscamos mostrar pelo menos como os itens a) e c) e d) acontecem no próximo subtópico deste capítulo.

Depois, o último momento é o da *standardização*, termo que utilizamos emprestado de Costa (2010), quando se refere a um possível alto grau de estabilização de um determinado gênero. Na verdade, também corroboramos com o ponto de vista do autor, quando demonstra que existe sim uma certa gradação entre a emergência e *standardização*: há gêneros na web (e fora dela) mais *standardizados* do que outros.

Em suma, todos os gêneros utilizados na sociedade passaram por esses momentos, bem como muitas práticas discursivas que surgem para atender a necessidades *ad hoc* de seus usuários em determinado contexto podem nunca chegar ao nível de *standardização*. Na internet, parece que essa linha do tempo é muito diferente, já que a relação espaço/tempo varia em função da ambiência. Em 1995, por exemplo, o *chat* era absoluta novidade, que ganhou adeptos muito rapidamente, o que representava haver uma demanda enunciativa bastante grande para atingir a ação social de bater papo na internet. O *chat* também passou por um momento de emergência, quando ainda todos buscavam entender todas as suas potencialidades enunciativas, durante o seu período de popularização. Hoje, já é um gênero reconhecido socialmente pela grande maioria dos usuários da rede, ou seja, enquadrar-se-ia, em nossa gradação, mais à frente, voltando para o polo + *standardizado* do que o *scrap* do Orkut, por exemplo, ou certas práticas de linguagem utilizadas no Twitter. Atualmente, muitos gêneros de cunho político-ideológico têm emergido no Facebook. Vejamos.

4 A emergência de gêneros do campo do político-ideológico no Facebook

A internet é um espaço para franca disseminação de informações (nem sempre autênticas) e, conseqüentemente, de ideias que se propagam por meio de sistemas de conhecimento e crença das mais variadas áreas. Por sua reconhecida capacidade de difusão, as redes sociais, especialmente o Facebook, eleva a índices exponenciais essa característica da web. Nesse artigo, examinamos textos que se filiam ao campo do político-

ideológico que começam a tender para a emergência e para sua posterior estandardização.

Uma primeira análise nos sugere que um dos indícios de emergência de gêneros é uma espécie de montagem que os usuários realizam com elementos multimodais, como fotografias, desenhos; elementos hipertextuais, como *links*, imagens em movimento; dispositivos sonoros; e até mesmo uma montagem com gêneros distintos, como notícias e charges num mesmo enquadre – o que é possibilitado e viabilizado pelas próprias ferramentas da web. Essas construções genéricas assumem, dentre outras, duas finalidades básicas: uma humorística e outra crítica, intimamente associadas. Focalizemos nossa análise na segunda finalidade.

Figura 1: Gênero em emergência no Facebook



O exemplar em tela foi disseminado por um perfil conhecido no Facebook brasileiro por apresentar críticas ferrenhas às redes de televisão de canais abertos. Por ter esse reconhecimento na rede, o perfil tem um alto capital social, elemento que também pode ser um dos responsáveis pela disseminação de práticas linguageiras emergentes na rede.

Analizamos o gênero acima por resguardar características formais que podem levar a um padrão e também indicar a emergência de um gênero: as mesclas genéricas. Em 1, verificamos que o enunciador seleciona quatro elementos pertencentes a diferentes contextos e os constrói sob um único enquadramento, a partir de uma espécie de bricolagem. Em cima à esquerda, há uma charge que representa a presidenta Dilma, que traz a seguinte fala: “O salário será de R\$ 667,76”. Ao mesmo tempo, a imagem da presidenta projeta uma placa, na qual está escrito o *slogan* do Governo Federal em sua gestão: “Governo Federal: País rico é país sem pobreza”, o que pode denotar uma crítica implícita (intrínseca ao gênero charge) ao que a presidenta diz, uma vez que a fala na charge ironiza o *slogan*.

O sentido de crítica política acaba sendo reforçado quando este enunciado é relacionado às outras imagens que estão no mesmo enquadramento: à direita da charge, há um recorte de uma notícia cujo destaque é o senador Cyro Miranda. À ocasião da manchete, em março de 2012, o político teria dito, em sessão no Senado Federal, que a situação dos parlamentares brasileiros é degradante. Um destaque é feito na citação do senador: “Tenho pena dos que vivem com R\$ 19 mil”. Nota-se que se trata de um recorte de um jornal feito pelo enunciador com o intuito de defender um posicionamento por meio da montagem de uma série de elementos multimodais que funcionam como argumentos.

A terceira figura da montagem é mais um recorte, desta vez do jornal A Gazeta (ES), que tinha como manchete “Veredores aumentam os próprios salários em 61% e ainda dizem que a culpa é sua”. É interessante verificar que, mais uma vez, o enunciador faz um recorte preciso do que lhe interessa para a defesa do seu ponto de vista, e o texto recortado tem uma diferença do tamanho da fonte, de forma que a oração “a culpa é sua” apareça com mais destaque, no centro do jornal e com uma fonte maior. O recurso da saliência (KRESS; VAN LEUWEEN, 2006) é utilizado com uma determinada finalidade – no caso do jornal, mobilizar uma opinião pública quanto à

natureza dos aumentos salariais dos parlamentares. Por fim, a última imagem é uma fotografia de um homem a qual, embora não tenha qualquer identificação, sugere tratar-se de um político realizando um discurso, com a bandeira brasileira ao fundo, o que corrobora para o universo politizado do gênero.: “O Brasil da piada pronta e os palhaços desse circo, se chama eleitor. Vamos ficar caladinho até quando?” [sic].

As quatro imagens que, em conjunto, compõem o texto, não foram escolhidas à toa. Elas não só tratam da temática política como também abordam as disparidades da questão salarial no Brasil – um reflexo da desigualdade socioeconômica que caracteriza a nossa nação. De um lado, expõe-se o salário mínimo do trabalhador brasileiro: pouco mais de 600 reais, na ocasião. De outro, mostra a banalização dos gastos salariais dos representantes públicos, seja por meio do aumento em 61%, seja por meio da queixa absurda que um parlamentar faz de seu próprio salário, acima de 19 mil reais.

O texto não é somente a absoluta “soma” das quatro imagens descritas, apresenta-se também uma mensagem verbal do produtor da bricolagem, dispostas em caracteres brancos sobre fundo negro: “O Brasil da piada pronta e os palhaços desse circo, se chama eleitor! Vamos ficar caladinhos até quando? (sic)” é a própria voz do enunciador que apresenta o seu posicionamento sobre o que acontece na realidade política brasileira, qual seja: uma das razões para o salário mínimo do trabalhador ser tão baixo, e os salários de parlamentares serem muito mais altos resvala no fato de o cidadão brasileiro não se manifestar quanto a isso. O texto, desse modo, apresenta a seguinte estrutura: em um primeiro momento recortes de situações que ilustram o estado atual da política brasileira circunscrito prevalentemente na questão salarial, seguida de uma crítica que se faz a esse estado de coisas, em outras palavras, o enunciador elege quatro momentos eventos distintos da política brasileira que supostamente levariam a uma conclusão lógica evidenciada em seu próprio discurso.

Elementos referenciais que surgem nessa primeira parte do texto são retomados e recategorizados: as personalidades

políticas são chamados de “palhaços” e a situação política, “circo”. A ironia que se estabelece quando se compara o *slogan* presidencial e o aumento do salário mínimo, o sarcasmo do discurso do deputado “tenho pena dos que vivem com R\$ 19 mil” e a crítica que se faz ao eleitor quando do aumento do salário de vereadores (“a culpa é sua [do eleitor]”) são todas retomadas e recategorizadas, na voz do enunciador, como “piada pronta”. O curioso é que, num primeiro momento o enunciador responsabiliza o eleitor pelo estado da política brasileira, isentando-se, portanto, para em seguida juntar-se ao conjunto de eleitores responsáveis. É conveniente ressaltar, ainda que, para dar voz a si próprio, o enunciador se utiliza do recurso multimodal da saliência, quando usa como cor de fundo o preto, e como cor da fonte o branco. Isso permite que o internauta não tenha dificuldade na leitura do texto, pois as cores escolhidas são polarizadas com este intuito, além de remeter o leitor ao sentimento de luto, de pesar.

Em suma, a construção do sentido do texto se dá quando os elementos multimodais 1 e 2 são associados, de forma que em 2 há o posicionamento do usuário, e em 1, argumentos que sustentam a sua tese. A dita montagem analisada recebeu, na rede, até o momento de sua coleta, 437 curtidas e 1035 compartilhamentos, o que significa o reconhecimento e consumo por parte dos internautas. O que é compartilhado não necessariamente é um novo gênero, mas uma ideia; uma opinião, um posicionamento, e isso existe desde o momento em que houve linguagem humana. Mas defendemos que esse posicionamento ideológico chega aos internautas por meio de um gênero em emergência, ainda não nomeado, mas onde é possível vislumbrar determinados elementos que aparecem recorrentemente, o que garantiriam o estatuto genérico. Vejamos outro caso:

Figura 2: Gênero em emergência no Facebook

70 dias com as Universidades em greve

E mais uma vez tiramos sua atenção para assuntos fúteis

EDUCAÇÃO EM GREVE

FB/REDESODOTELEVISAO

TER UMA EMISSORA COMO ALIADA NÃO TEM PREÇO!

REDE GLOBO

Curte esta página · 25 de Julho

Com Wesley Sarrinho Rodrigues.

Meet Nicillo Now

Curte · Comentar · Compartilhar

25.627 pessoas curtiram isto.

1.255 comentários

Sabre comentários anteriores

6 de 1.820

Silviana Nascimento Breganda Greve no dia da Eleição. Aquelto não é andar o voto, mas se não comparecer em massa, como protesto, pela insatisfação de que temos hoje, para que seja notícia mundial, só assim realmente estaremos fazendo algo de bom para o Brasil.

24 de Agosto de 2012 · Curte · 402

Este gênero foi construído no auge da greve das universidades federais em 2012. Em julho daquele ano, eram setenta as universidades federais em greve, na mesma época em que a novela Avenida Brasil, da Rede Globo, alcançava altos índices de audiência. Vê-se, neste caso, que a crítica política é construída novamente com elementos multimodais: no canto superior esquerdo, é colocada uma foto de uma faixa que indica a paralisação das atividades da educação, que é explicada com o enunciado “70 dias com as Universidades em greve”, o qual funciona como uma legenda. Ao lado direito da imagem, há uma fotografia das personagens principais da novela Avenida Brasil, Carminha e Nina, antagonista e protagonista respectivamente, e a legenda, acima: “E mais uma vez tiramos sua atenção para assuntos fúteis”. Abaixo, há o símbolo da Rede Globo e uma foto da presidenta Dilma Rousseff, separados pelo enunciado “Ter uma emissora como aliada não tem preço!”.

As legendas que dão voz às figuras são de um enunciador que marca sua posição com críticas à postura da mídia, a qual supostamente desvia a atenção do público dedicando mais atenção ao sucesso que a novela fazia em detrimento da greve que paralisava dezenas de universidades. Neste caso, a ironia do autor no último enunciado, marcado não só por elementos verbais, mas também visuais, como o sorriso das duas personagens da novela e o sorriso da presidenta, revela

uma desconfiança de que a imprensa, mais precisamente a Globo, acoberta problemas do Governo que deveriam ser divulgados para a população e investigados. Pelo fato de ser a maior emissora do país e ter altos índices de audiência, infere-se que ela pode manipular a informação em prol do governo, dando atenção a assuntos mais fúteis e deixando de lado aspectos que mereceriam maior destaque.

Em linhas gerais, ambos os exemplos são montagens desenvolvidas para defender uma postura político-ideológica de esquerda, bem marcada, com críticas ora veladas, com a ironia, ora ácidas, como o chamamento do povo para que se manifeste. São textos multimodais em que o visual se sobressai, de modo a facilitar sua leitura e viabilizar sua propagação – muitas vezes o intuito maior de textos produzidos para circular em redes sociais. O componente verbal é diminuto, de modo que as críticas realizadas, de uma maneira geral, são bem clichês e muito pouco fundamentadas – e não raro com contradições (como ocorre com a imprensa de direita que acoberta um governo de esquerda, no segundo exemplo).

É justamente nesse ponto que reside a recorrência elevada de compartilhamentos: o coenunciador reconhece uma crítica a algum aspecto da situação política brasileira e a compartilha para convergir com o posicionamento do enunciador, reconhecendo-se a si próprio como sujeito atuante nas questões políticas. Os clichês, as citações descontextualizadas ou as contradições sequer são questionados. Os coenunciadores, em grande parte, a fim de não se reconhecerem como imersos num estado de alienação política, reproduzem e propagam mecanicamente esses gêneros em emergência, legitimando justamente aquilo de que eles tanto fogem.

O debate político, o discurso de candidatos em comícios, a propaganda política e estes gêneros que ora analisamos no Facebook estão entre os gêneros cujo discurso que os atravessa seria chamado por Charaudeau (2006) de discurso político. Para o autor francês, não é simples tratar de política, porque é um fenômeno que acaba sendo estudado por diversas disciplinas, dentre as quais Ciências Políticas, Sociologia, Direito e Filosofia.

Charaudeau (2006) argumenta que as palavras e estratégias discursivas utilizadas no campo político podem sofrer certas variações, a depender da posição do sujeito político, que pode encontrar-se em uma situação de enunciação *fora da governança*, quando ele deseja ainda ascender ao poder; e *dentro da governança*, quando ele já faz parte do governo.

Estes gêneros em emergência são desenvolvidos sob o viés de certas estratégias discursivas que são recorrentes no discurso político, como as palavras de *promessa*, quando o sujeito político traz força de profetismo; *decisão*, quando se trata de uma palavra de ação fundada sobre uma posição de legitimidade; *justificação*, quando há a necessidade de relegitimação, já que o discurso político é constantemente colocado à prova; e *dissimulação*, quando se instala um jogo de máscaras e acaba-se caindo na questão da mentira na política. Nesta análise, centramo-nos na palavra de *decisão* para ambos os gêneros em tela.

O primeiro texto aponta dois aspectos da palavra de decisão, típica do discurso político: primeiro informa uma situação de desagrado da maioria da população, pois compara o aumento do salário mínimo ao aumento dos parlamentares, que foi de 61%; depois provoca os cidadãos para uma tomada de atitude quanto a tais atitudes do governo por meio do enunciado “*O Brasil da piada pronta e os palhaços desse circo, se chama eleitor! Vamos ficar caladinhos até quando?*” (sic).

O discurso político é sempre um discurso dirigido e, ao mesmo tempo, os receptores deste discurso, os cidadãos, são parte integrante dele. É a razão pela qual podemos dizer que os povos são responsáveis (co-responsabilidade massa-elites) pelo regime político no qual eles vivem, por opinião pública interposta [...] (CHARAUDEAU, 2006, p. 268)

A proposta do enunciador é construir uma opinião pública que leve em consideração a importância do eleitor, que é o responsável por colocar no poder os políticos que tomam decisões que pouco contribuem para a qualidade de vida dos

cidadãos. A estratégia utilizada neste caso é deixar em suspenso uma questão – “Vamos ficar caladinhos até quando?” – cuja resposta os cidadãos que concordam com o posicionamento sabem: mobilizar-se contra as imposições do governo. Quando o enunciador, que faz parte das massas, deixa a sua pergunta sem resposta, apenas se dirige a elas, atribuindo-lhes grande parte da responsabilidade de, no país, haver ações ditas inaceitáveis, o que corrobora com o ponto de vista do autor francês, sobre o fato de o discurso político ser dirigido.

Em suma, o que vislumbramos nestes exemplares é que existe um certo padrão genérico na produção desses textos, que vão desde elementos composicionais, como o remix de imagens para a construção de uma postura, até padrões discursivos que podem garantir um certo estatuto genérico ainda em emergência. Entendemos que há uma certa organização textual – que não se limita, evidentemente, ao que é verbal, mas também ao que é multimodal – para persuadir cidadãos sobre uma fatos que estão acontecendo numa dada sociedade. Logo, o teor dos textos é eminentemente argumentativo, com um viés político-ideológico esquerdista, que mostra problemas que são de interesse social: logo, há em sua essência a palavra de decisão, típica do discurso político, a qual mostra uma desordem social tida como inaceitável e corrobora o fato de que algo precisa ser feito.

Considerações finais

Este trabalho se propôs a investigar gêneros que emergem no Facebook e pertencem ao campo discursivo político-ideológico. Defendemos que alguns elementos são recorrentes em gêneros que pertencem ao estágio da emergência, dentre eles a não nomeação de um gênero; a recorrência de padrões contedudísticos e o acabamento. No caso do que ocorre no Facebook, não se sabe que nome deve ser dado às práticas de linguagem que ‘pulam’ na rede a todo instante, mas é possível vislumbrar padrões em cada uma delas, assim como o fato de elas possuírem um acabamento.

No caso dos gêneros em questão, o conteúdo trabalhado neles tende a possuir um cunho esquerdista, de crítica ao Governo brasileiro. Além disso, em geral, eles tendem a ser construídos pelo recurso multimodal da montagem, ou seja, um determinado enunciador, com vistas à defesa de um ponto de vista, recorta figuras variadas pela internet e faz um trabalho de colagem, de maneira que fique coerente com seu ponto de vista, de crítica, ora velada, ora aberta. Vê-se que, mesmo sendo montado, tem um acabamento, de maneira que os gêneros são curtidos e muito compartilhados, ou seja, consumidos em larga escala na rede.

Referências

ARAÚJO, J. C. *Chat na web: estudo de um gênero hipertextual*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 2011.

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. *Genre: an introduction to History, Theory, Research and Pedagogy*. Parlor Press LLC: West Lafayette, Indiana, 2010.

CHARAUDEAU, C. O discurso político. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I. L.; MENEZES, W. (Org.). *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: NAD, UFMG, POSLIN, 2006.

COSTA, R. R. *A TV na Web: percursos da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia*. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, UFC, Fortaleza, 2010.

CROWNSTON, K. e WILLIAMS, M. Reproduced and emergent genres of communication on the World-Wide Web. Proc. of the 30 Hawaii Intern. Conf. on System Sciences, USA, 1997.

ERICKSON, T. Social interaction on the net: virtual community as participatory genre. *Proceedings of the 30th Annual Hawaii*

International Conference on System Science, Maui, Hawaii, 1997, v. 6, p. 13-21.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2 ed. London; New York: Longman, [1996] 2006.

LÜDERS, M.; PROITZ, L.; RASMUSSEN, T. Emerging personal media genres. *New media & Society*, 12 (6), p. 947-963, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *50ª Reunião do GEL*, USP, São Paulo, 2002, p. 1-47. Disponível em: <http://migre.me/eg4ij>. Acesso em: 20.04.2013.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros digitais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-67.

MILLER, C. Gênero como ação social. In: MILLER, C. *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.). Trad. e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel et al. Recife: EDUFPE, [1984] 2009, p. 21-44.

MILLER, C; SHEPHERD, D. Questões da blogosfera para a teoria de gêneros. In: MILLER, C. *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.). Trad. e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel et al. Recife: EDUFPE, [1984] 2009, p. 93-121.

SANTINI, M. Characterizing genres of Web Pages: genre hybridism and individualization. *Proceedings of the 40th Hawaii International Conference on System Sciences*, 2007.

SWALES, J. M. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

XAVIER, A. C. *O Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. 2002. X f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 2002.

YATES, J.; ORLIKOWSKI, W. Genres of Organizational Communication: A Structural Approach to Studying Communication and Media, *Academy of Management Review*, 17(2), 1992, pp. 299-326.